

## O tempo passa por nÃ3s Ã velocidade do vento! (CapÃ-tulo 3)

A magia de Bangucoque, das suas simples e atractivas gentes, fez que voltasse nas fÃrias de 6 semanas seguintes. A capital tailandesa cativou-me. A poluiÃo era prÃticamente nula. O centro bangucoquiano era atravessado, Ãs dezenas, por veÃculos de trÃs rodas e popularmente conhecidos por "tuk-tuk" e uma invenÃo, da imaginaÃo fÃtil, do homem tailandÃs que adaptou, motores a dois tempos, japoneses, aplicados a bombas de Ãgua ou a pequenos e manuais tractores agrÃcolas para fazer face Ãs necessidades de transporte urbano da cidade que hoje, no ano 2000, ronda os cerca de dez milhÃes de habitantes. O baptismo vem-lhe do motor de reduzido nÃmero de rotaÃoes e compassadas explosÃes que produziam o ruÃdo: tuk,tuk,tuk e daÃ o nome do popular triciclo jÃ famoso no Mundo.

Carros japoneses, muitos jÃ de chapa corroÃda devido Ã humidade ensalitrada que paira, constantemente, na atmofesra de Bangucoque, serviam de tÃxis, sem taxÃmetro, cujas corridas eram ajustadas, discutidas com o motorista, antes da corrida.

Cheguei ao fim da tarde. Instalei-me no "Honey Hotel", familiar aos tÃcnicos da Texas Instrumentos, em fÃrias. Estendi-me na cama e dormi, profundamente, atÃ Ã manhÃ do dia seguinte, recompondo-me da pÃssima viagem, de 6 horas, a bordo de um (jÃ bastante usado) DC8 Super que desde Dahrn atÃ ao aeroporto de Don Muang esteve sujeito ao mau tempo e quedas vertiginosas em poÃos de ar.

Destinei para o dia seguinte visitar a Embaixada de Portugal. NÃo fazia minima ideia a sua localizaÃo. Meti-me num tÃxi Blue Bird e assinalei, com o dedo indicador, ao motorista, no mapa de Bangucoque o cÃrculo onde a bandeira da quinas servia de sÃmbolo a dar conta do sÃtio.

Descemos a avenida Sukhumvit, na Ploenchit cortamos Ã esquerda para a Wireless Road onde a percorri debaixo de frondosas Ãrvores de Jacaranda e no lado direito a Embaixada de Espanha, a ResidÃncia do Embaixador dos Estados Unidos da AmÃrica e mais abaixo, do lado esquerdo a MissÃo DiplomÃtica americana. Pouco depois chegava a Rama IV e em baixo o Dusit Thani Hotel de construÃo arrojada de 20 e mais andares (tal como hoje se encontra) e, os seus proprietÃrios, na Ãpoca, apostavam num futuro promissor para o turismo, dos dias de hoje na TailÃndia.

O motorista tomou a direcÃo da Silom Road, um centro comercial importante, onde os edifÃcios nÃo tinham, os mais altos, de uns 6 andares. Ao fundo encontramos um T onde terminava a Silom. Cortamos Ã direita para a New Road (Chalerm Krung), a primeira rua construida, na zona ribeirinha e nas proximidades de fazer 100 anos... Depois de passarmos o elegante edifÃcio dos Correios Centrais, construido no princÃpio do sÃculo XX, e no reinado do Rei Chulalongkorn, na travessa seguinte estavamos na Captain Bush Lane, 26 e Ã minha frente o Escudo PortuguÃs, imprimido numa chapa oval de esmalte branco.

Senti um arrepio frio no meu corpo.

Era o patriotismo espontâneo, barato, mas sem preço para qualquer emigrante português, nómada, nesse tempo que pouca ou nada de importância lhe era dada pelos executivos dos constantes Governos que eram mudados em Portugal como quem mudava de camisa. O 25 de Abril tinha pouco mais de 4 anos de existência.

O meu patriotismo quedava-se dentro de uma enormidade exuberante que não conseguia saber e descobrir o porquê de tão grande entusiasmo encontrar-me em terras tão longínquas numa Ásia Portuguesa, que ainda o era, as 5 Quinas e os 7 Castelos.

Fiquei triste, porque ao lado direito da cancela de vara de "sobe e desce" quedavam-se uns armazéns, barracões, degradados, que não futurei ser o solo, onde as paredes assentavam, também de Portugal.

Um guarda, olhando para mim futuro, talvez ser um Português, raro naquelas paragens, a pedir apoio à Embaixada.

Acompanhou-me até a um velho edifício (a Nobre Casa), que o apreciei antes de me apromixar e logo me saltou à mente uma casa de linhas arquitectónicas coloniais muito familiares em Moçambique.

Murmurei: isto é que é a Embaixada de Portugal em Banguécoque?

Fui conduzido por uma elegante arcada e entrei na Chancelaria da Embaixada. Chegado ao salão (onde hoje são levadas a efeito recepções) encontrei-o um espaço gélido onde pouco depois era atendido pelo Chanceler, de Nacionalidade tailandesa, Chalerm, (com 50 anos a serviço de Portugal) que ficaria até hoje um grande amigo meu.

Num banco sentava-se a Noi a mulher de limpeza e ao fundo o Vice-cônsul José de Souza, de etnia goesa.

Atendeu-me, o vice-cônsul Souza, friamente, o que feriu a minha sensibilidade de Português. Perguntou-me a razão do porquê que ali tinha ido. Respondi-lhe: visitar a nossa Embaixada em Banguécoque.

Informei-o de onde vinha e aproveitava a pedir a emissão de um novo passaporte dado que o que possuía estava a expirar as folhas.

O José de Souza (que mais tarde o teria como colega) ia-me dizendo-me: vá pedi-lo ao Consulado de Portugal no Bharén (do outro lado do Golfo da Arábia Saudita).

Mas eu tenho o Bilhete de Identidade comigo e a Lei diz que o posso adquirir com este documento de identificação. Li isto há pouco nos jornais...

Não, não é assim, é necessária a Cerdidão de Nascimento, ilucidou-me o Cônsul Souza com um sorriso mórbido.

José Gomes Martins